



UMA
INICIATIVA DA
FUNDAÇÃO
ABRINQ PELOS
DIREITOS
DA CRIANÇA

EMPRESA
AMIGA DA
CRIANÇA

ANO X
Nº 109
AGO/SET.98

Jornal de Itaipu

O C A N A L D E A P R O X I M A Ç Ã O



De olho nos pés de chumbo

A Segurança Empresarial aumentou a fiscalização na área da usina, para coibir os abusos e evitar acidentes. O radar é uma das "armas" contra os infratores. [Página 3](#)

Escola de índio



Cadê o George?

George, o famoso vira-lata das estripúlias sexuais na Vila A, continua sumido. Não adiantou nem a promessa de uma recompensa de R\$ 300 para quem desse informações sobre o cãozinho. A última hipótese levantada sobre o seu paradeiro é que ele estaria do outro lado da fronteira. [Página 5](#)



O professor João Alves dá aulas para uma turma de crianças da reserva Tekoha Añetete, instalada em terras adquiridas por Itaipu. [Páginas 8 e 9](#)

Eu não sou supersticioso, não!
Os amuletos são só para afastar
o azar. Supersticiosa mesmo é
a turma de Itaipu. Leia nas
[páginas 12 e 13.](#)



EDITORIAL

750 milhões de MWh

Às 7h6 do dia 3 de setembro, Itaipu atingiu uma nova marca histórica: a produção acumulada de 750 milhões de megawatts-hora (MWh). Esta é a soma de toda a energia produzida pela usina desde 5 de maio de 1984, quando entrou em operação a sua primeira unidade geradora. Em média, a usina produz hoje energia suficiente para atender 27% do consumo do Brasil, ou o equivalente a 34% da demanda das regiões Sul, Sudeste e Centro-Oeste.

Curiosidades sobre essa marca: os 750 milhões de MWh produzidos por Itaipu até hoje seriam suficientes, por exemplo, para manter acesas 312,5 bilhões de lâmpadas de 100 watts durante o dia todo; garantiriam o consumo diário de 450 bilhões de casas populares; ou atenderiam o consumo brasileiro por nada menos que dois anos e nove meses seguidos. Os números são significativos, como significativo é o papel de cada empregado de Itaipu para que nossa hidrelétrica continue sendo não só a maior do mundo, como também, cada vez mais, possa estar entre as melhores. Cada marca deve representar para todos nós um motivo de orgulho e de estímulo para que tenhamos no trabalho a convicção de nossa importância para o setor elétrico brasileiro e paraguaio.

DESCOBERTA

"No *Jornal de Itaipu* nº 108, olhando as fotos da capa, tive o prazer de rever um amigo de infância, de quem há longo tempo não tinha notícias. Seu nome? Ivan B. Amorim, que trabalha na Diretoria Técnica, em Foz do Iguaçu. Quando crianças, moramos no mesmo bairro de Cascadura, no Rio de Janeiro. Que prazer saber que o amigo está bem! Gente boa pra caramba!" **Jorge Sola, Divisão de Controle do Orçamento Econômico-Financeiro, Curitiba.**

COMUNICAÇÃO VISUAL

"Ficou muito interessante a comunicação visual para a comemoração dos 12 anos do *Jornal de Itaipu*. Cada vez que olhamos, encontramos mais um colega, mais um amigo... Como sempre, vocês estão de parabéns!" **Luciana C. Lobo C. Teixeira, gerente da Divisão de Serviços Gerais, Curitiba.**

"CONSTRUTORES"

"Ao ler a edição comemorativa dos 12 anos do *Jornal de Itaipu*, não poderia deixar de cumprimentar o amigo (Helio Teixeira) e todos os demais responsáveis por um periódico que é marcado pela excepcional apresentação visual e gráfica, bem como pela excelência de seu conteúdo. Por isto mesmo, os "construtores" dessa obra que, mensalmente se renova, devem receber de nós, demais funcionários das empresas, a admiração e o respeito pela enorme capacidade profissional sempre demonstrada. Ressalte-se o aspecto humano, que é sempre evidenciado na maioria de seus artigos e reportagens. Fruto, sem dúvida, da personalidade de seu "editor" responsável, voltado para a pessoa humana, seus problemas e seus êxitos. A renovação do respeito e admiração de todos da Assessoria de Informações, em especial de seu amigo fraterno". **General Marco Antonio Savio Costa, chefe da Assessoria de Informações.**

ESPAÇO DO LEITOR

"DISPUTA" PELO JI

"Minha irmã, Maria de Fátima Porfírio Damian, trabalha no laboratório (da área técnica) da Itaipu e me manda o *Jornal de Itaipu* depois de lido. Quando o jornal chega aqui - trabalho na Usina de Furnas, em Minas Gerais -, meus colegas acabam travando uma verdadeira disputa comigo para ver quem lê primeiro! Gostamos muito do *Jornal de Itaipu* e gostaríamos de recebê-lo pelo correio, pois tem mês que minha irmã esquece de mandar e meu arquivo - estou fazendo uma coleção do jornal - fica desfalcado". **Maria da Graça Porfírio Ricardo, Usina de Furnas, MG.**

HERMANOS 1

"Muchas felicidades por el profesionalismo, la excelencia y el amor que han demostrado en 12 años de trabajo periodístico. Siempre adelante!" **Relaciones Publicas MD - Itaipu - Paraguay**

HERMANOS 2

"Que continuen siendo un medio de fraternal union de la gran familia de Itaipu. Sucesos y sinceras felicitaciones!!" **Division de Prensa - Itaipu - Paraguay**

HERMANOS 3

"Congratulaciones! Que el exito corone siempre vuestro esfuerzo". **Asesoria de Comunicacion Social de Itaipu - Paraguay**

FUNDAÇÃO CULTURAL

"Parabéns pelos 23 anos do *Jornal de Itaipu*. Sucesso!" **Nanci R. Andreola, presidente da Fundação Cultural de Foz do Iguaçu.**

AMIGOS

"Para a brilhante equipe da Divisão de Imprensa; parabéns pelos 12 anos do *Jornal de Itaipu*". **Seus amigos do Centro de Recepção de Visitantes (CRV).**

ESPAÇO DO VISITANTE

Do Laos



O vice-primeiro ministro e ministro dos Negócios Estrangeiros do Laos, Somsavat Lengsavat, visitou Itaipu no dia 25 de agosto. Ele estava acompanhado do embaixador do Laos nas Nações Unidas, Alounkeo Kittikunh, e do chefe do Departamento da Associação das Nações do Sudoeste, Phomma Khammanichanh, além de representantes do governo brasileiro. A comitiva chegou em dois helicópteros à usina.

O Laos é um pequeno país do Sudoeste Asiático, que vive sob regime comunista desde 1975, mas em 1995, com o fim do embargo comercial imposto pelos Estados Unidos, entrou em processo de abertura política e econômica.

Aeronáutica

No dia 14 de setembro, sete oficiais-instrutores e 28 oficiais-alunos do curso de Política e Estratégia Aeroespaciais da Escola de Comando e Estado Maior da Aeronáutica visitaram a usina. A comitiva era chefiada pelo comandante da escola, brigadeiro-do-ar Paulo Roberto Borges Bastos. Antes da visita, os militares ouviram uma palestra do engenheiro Enon Laércio Nunes, vice-superintendente de Manutenção.



Mogi das Cruzes

"Recebam os agradecimentos da Universidade de Mogi das Cruzes, do Centro de Ciências Exatas e de Tecnologia (CCET), da Coordenação do curso de Engenharia Elétrica, dos professores e alunos, pela atenção dispensada a eles na visita à Usina Hidrelétrica de Itaipu no dia 2 de julho. A unanimidade quanto à excelência da recepção

ao grupo e à grandeza do complexo de Itaipu vem entusiasmando outros alunos deste e de outros cursos, principalmente de Engenharia Civil e de Engenharia Mecânica, a ter a mesma experiência. Esperamos atendê-los, agendando novas visitas para os próximos anos. Informamos ainda que o material sobre a usina já está à disposição de todos na Biblioteca Central da universidade para consulta". **Professor Mitsuo Nitta, coordenador do curso de Engenharia Elétrica da Universidade de Mogi das Cruzes.**

Itaipuapy

"Em nome dos empregados da Fundação de Saúde Itaipuapy, nossos agradecimentos pela excelente acolhida que tiveram durante a visita às instalações da Usina de Itaipu". **Ricardo Soley Foster, diretor superintendente da Fundação de Saúde Itaipuapy, Foz do Iguaçu.**

Maior em atendimento

"Agradecemos a especial atenção que nos foi dispensada no dia 30 de agosto, quando tivemos o prazer de visitar esta hidrelétrica. Acreditamos, com isso, ser esta a maior (usina) do mundo não apenas em potência, mas também em atendimento". **Alceu Lupepsa, Stampa Distribuidora, São José dos Pinhais (PR).**

Príncipe

"Agradeço o apoio recebido durante a visita a Foz do Iguaçu de Sua Alteza Real o Príncipe das Astúrias, no dia 13 de agosto, apontando a atenção e o profissionalismo da equipe de Itaipu". **Edson Gil Hummelgen, chefe substituto do Cerimonial do Governo do Estado do Paraná.**

ESG

"Dr. Altino Ventura Filho: transmiro a V. Sa. os agradecimentos da Escola Superior de Guerra à Itaipu Binacional pelo excelente apoio e receptividade à comitiva da ESG e o profissionalismo como conduziu a conferência, contribuindo decisivamente para o sucesso das atividades curriculares da viagem de estudos desta escola".

Major-brigadeiro-do-ar Fernando de Almeida Vasconcellos, subcomandante e chefe do Departamento de Estudos da ESG.

Nicolas

"Agradeço a atenção que foi dispensada pela equipe da Divisão de Relações Públicas ao meu filho Nicolas, que visitou a usina e ficou impressionado com o gigantismo da obra". **Julia Marton Lefevre, presidente do Lead International e Fundação Rockefeller, Estados Unidos da América.**

Errata

Lourival Gonçalves Leite, da Superintendência de Manutenção, pede uma correção. A informação do *Jornal de Itaipu*, edição julho/98, sob o título "Quando as máquinas param", não está correta. A taxa de falha não foi de 1,85%, já que o número é absoluto, e não percentual. Ou seja, a taxa de falha foi 1,85.

EXPEDIENTE

Publicação da Itaipu Binacional

Prêmio Aberje 1996 e 1997

Melhor Jornal Interno do Brasil

Tiragem:

4.500 exemplares

Assessoria de Comunicação Social:

Curitiba/PR: Rua Comendador Araújo, 551

9º andar - CEP 80.420-000.

Fone: (041) 321-4149/321-4147. Fax: (041) 321-4142

Foz do Iguaçu/PR: Divisão de Imprensa - Centro Executivo

Avenida 3, s/nº - sala 110 - Vila A. CEP: 85.857-670.

Fone: (045) 520-5230/520-5385. Fax: (045) 520-5248

Home page: <http://www.itaipu.gov.br>

E-mail: fadain@itaipu.gov.br

Superintendente de Comunicação Social:

Helio Teixeira

Gerente da Divisão de Imprensa:

Maria Auxiliadora Alves dos Santos

(Jornalista responsável MTB 13.999)

Redação:

Helio Teixeira, Maria Auxiliadora

A. dos Santos, Vinicius Ferreira, Cláudio Dalla Benetta

e Heloisa Covolan

Fotografia:

Caio Francisco Coronel e Júlio César Souza

Diagramação:

Fabiana Ribeiro dos Santos

Fone: (041) 356-9272

Fotolito e Impressão:

Reproset Ind. Gráfica

Fone: (041) 376-1713 - Curitiba



Conselho de Administração

Pedro Pullen Parente

Luiz Augusto de Castro Neves

Firmino Ferreira Sampaio Neto

Miguel Reale Júnior

José Richa

João Camilo Penna

Antonio Roberto Adam Nill

Martin Augusto Gonzalez Guggiari

Héctor Ernesto Federico Richer Becker

Adolfo Ozuna González

Miguel Angel Gonzalez Casabianca

Victor Hugo Sanchez Galeano

Representante do Ministério das Relações

Exteriores do Brasil no C.A.

Afonso Emílio de Alencastro Massot

Representante do Ministério das Relações

Exteriores do Paraguai no C.A.

Carlos Augusto Saldivar

Diretoria Executiva

Diretor-geral brasileiro

e diretor técnico executivo

Altino Ventura Filho

Diretor-geral paraguaio

Miguel Luciano Jimenez Boggiano

Diretor financeiro executivo

Romar Teixeira Nogueira

Diretor financeiro

Victor Giménez Silvera

Diretor administrativo executivo

Félix Kemper González

Diretor administrativo

Fabiano Braga Côrtes

Diretor técnico

Pedro Lozano Dietrich

Diretor jurídico executivo

Anastasio Acosta Amarilla

Diretor jurídico

João Bonifácio Cabral Júnior

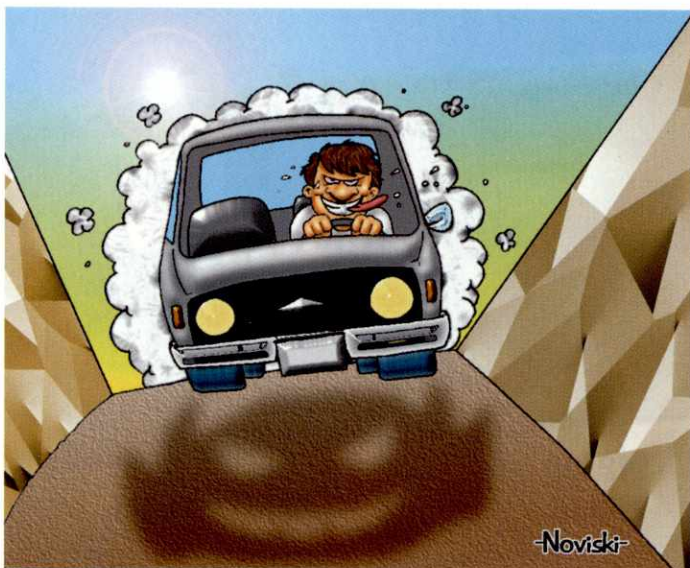
Diretor de coordenação executivo

Juan Bautista Gill

Diretor de coordenação

José Luiz Dias

Pé de chumbo, contenha-se



No início de setembro, o motorista de um Fiat preto, da Itaipu, alcançou uma façanha que pouca gente vai querer igualar - pelo menos oficialmente. Ele trafegou pelas vias da usina a 108 km/h, segundo registrou o radar da Superintendência de Segurança Empresarial (SE). Esse tipo de comportamento está levando a SE a intensificar a fiscalização do trânsito na área de abrangência da hidrelétrica.

A preocupação com a segurança no trânsito dentro da área da usina é grande, porque uma frota estimada de 1.700 veículos circula diariamente pelas pistas da barragem. Desse total, 313 são carros da própria Itaipu e 1.400 de particulares, principalmente empregados. "Muitos empregados pediram para usarmos o radar, depois que observaram vários abusos", conta o gerente da Divisão de Segurança da Central Hidrelétrica, Fernando Biss.

Entre 24 de agosto e 2 de setembro, foi feita uma avaliação da velocidade dos veículos que trafegam pela hidrelétrica. O radar da SE foi acionado na pista que liga a barreira de con-

trole e a primeira rótula de acesso ao canteiro. O número de infratores que ultrapassou o limite de velocidade variou de quatro a 14 entre os horários de pico de movimento. "Nós não punimos ninguém porque queríamos ter uma idéia do nível de conscientização dos motoristas", explica Biss. Felizmente, o levantamento mostrou que a maior parte dos motoristas está respeitando os limites de velocidade.

Sanções

Como os abusos registrados podem causar acidentes, ferimentos e mortes, o uso do radar será intensificado. Segundo um parecer da Diretoria Jurídica, a SE "pode e deve" fiscalizar o tráfego de veículos dentro dos limites da propriedade da Itaipu. Embora a superintendência não tenha autorização para aplicar multas de trânsito, pode suspender o passe de permissão para dirigir na área da hidrelétrica.

Na primeira infração, o motorista terá de fazer um curso de Direção Defensiva com duração de oito horas/aula. Na segunda, terá o passe suspenso por seis meses. Se cometer uma terceira infração, terá o passe suspenso por 12

Os pés de chumbo binacionais pensam que acidentes só ocorrem com os outros

meses. Isso sem contar as sanções previstas no Regulamento de Pessoal.

"Nos últimos três meses, foram registrados três acidentes dentro dos limites de Itaipu", afirma Biss. Ele lembra que o limite de velocidade nessa área varia de 80 a 40 km/h e chega a 20 km/h na área de travessia de pedestres. "Os motoristas precisam observar as placas de sinalização", ressalta.

Outro problema de trânsito é o estacionamento do Edifício da Produção. "Muitos motoristas não obedecem as faixas de sinalização e acabam ocupando duas vagas ao mesmo tempo, prejudicando outros empregados", diz. Além disso, a maior parte dos empregados prefere estacionar em frente ao Edifício da Produção, o que agrava a situação, em especial nos horários de saída.

Esses problemas só poderão ser resolvidos com a conscientização dos motoristas, principalmente os pés de chumbo, que além de arriscarem suas vidas, colocam as dos outros em perigo.

Não só motoristas brasileiros que circulam pelas vias da usina têm a mania de imaginar que estão em pistas de fórmula um. A Segurança Empresarial também já detectou muitos motoristas apressadinhos em carros com placas de cidades paraguaias.

Os pés de chumbo binacionais têm em comum o fato de pensar que acidentes só acontecem com os outros, não com eles. Até o dia em que vêm o mundo de ponta-cabeça ou constatarem como é frágil a carroceria ou o pára-choque de seus bólidos.

Infra-estrutura

Para dar mais segurança aos motoristas, a Superintendência de Obras e Desenvolvimento, da Diretoria de Coordenação, vem executando obras de infra-estrutura viária não só na área da usina, mas também nas vias de acesso a Itaipu e às vilas A e B. O superintendente João Carlos Braga explica que deverá fazer uma reunião com os presidentes das associações de moradores dessas vilas para discutir em conjunto com a Foztrans a remoção de lombadas. "O assunto é polêmico e vamos analisá-lo a fundo antes de tomar qualquer providência", afirma Braga. As lombadas deverão ser reconstruídas para atender as especificações do novo Código de Trânsito.

A Divisão de Sistema Viário dessa superintendência também deverá fazer uma nova sinalização horizontal e vertical na Avenida Tancredo Neves. "Vamos pintar novas faixas e substituir as placas de sinalização por outras mais adequadas e com mais informações", adianta Braga. Ele ressalta que as placas indicativas na área da central hidrelétrica também serão substituídas, porque muitos departamentos e escritórios foram transferidos de local.

DGB com FHC

O diretor-geral brasileiro da Itaipu Binacional, Altino Ventura Filho, foi um dos convidados especiais da Presidência da República para fazer parte da comitiva que prestigiou a posse do presidente do Paraguai, Raúl Cubas Grau, no dia 15 de agosto.

Durante o voo Brasília-Assunção, o presidente Fernando Henrique Cardoso convocou Altino Ventura para um encontro reservado em seu gabinete no Boeing presidencial. O DGB fez uma longa explanação a FHC sobre o setor elétrico brasileiro e discorreu sobre o papel fundamental exercido por Itaipu na produção de energia elétrica no Brasil.

O presidente lembrou de sua visita à usina, em 1991, quando era senador, revelando sua surpresa com a grandiosidade da obra. No contato com o presidente, Altino Ventura Filho aproveitou para fazer um convite para que FHC compareça



Fernando Henrique Cardoso desce do Boeing presidencial, no aeroporto de Assunção, seguido pelo embaixador brasileiro no Paraguai, Bernardo Pericás, e pelo diretor-geral brasileiro de Itaipu, Altino Ventura Filho. (Foto: Palácio do Planalto)

à inauguração das duas novas unidades geradoras de Itaipu, prevista para o ano de 2.001.



Estacionamento na área do Edifício da Produção: congestionamento.



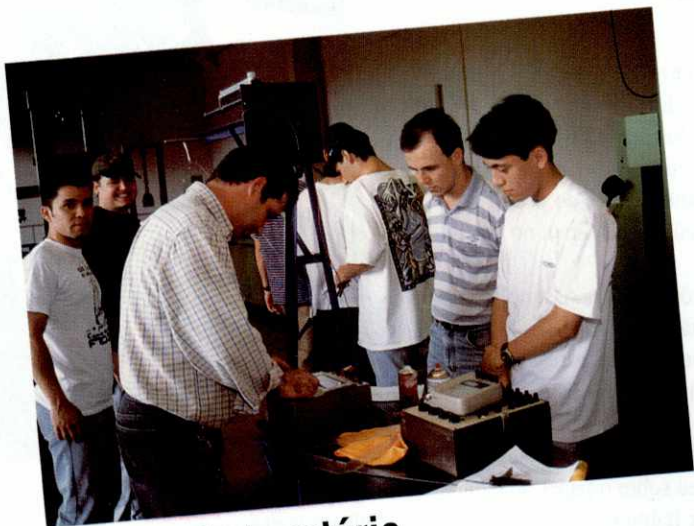
Lindeiros

Pela primeira, todos os 67 técnicos da Superintendência de Meio Ambiente se reuniram para discutir o trabalho que está sendo realizado nos municípios lindeiros ao Lago de Itaipu. O encontro, denominado Workshop Interno de Ação Ambiental para Lindeiros, foi realizado no início de setembro no Recanto Park Hotel. O Workshop teve como objetivo integrar as equipes da superintendência, uniformizar o trabalho dessas equipes e encaminhar novas propostas de ação à direção da empresa.



Oficina de folclore

No dia 24 de agosto, nove professoras de escolas municipais e particulares de Foz do Iguaçu participaram da Oficina de Folclore, que fez parte da exposição Folclore e Artesanato Paranaense, realizada no Ecomuseu. O trabalho foi coordenado pela artista plástica Vera Gomes (em primeiro plano, no centro da foto). A exposição veio de Curitiba e ficou aberta à visitação até o dia 18 de setembro.



Aula no Laboratório

Os alunos do curso de Engenharia Elétrica da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste), dentro da cadeira de Física I, já estão tendo aulas práticas no Laboratório de Tecnologia de Concreto. A aula inaugural foi no dia 11 de setembro. O convênio entre a Itaipu e a Unioeste prevê que as instalações do laboratório serão utilizadas para uma aula semanal até o final do semestre letivo.



Controle de algas

Alunos da 2ª série do 2º grau, do município de São Miguel do Iguaçu, acompanharam o trabalho da bióloga Leuni Domingues (primeira da direita para a esquerda), do Instituto Ambiental do Paraná, no Refúgio Biológico Bela Vista. Os alunos se interessaram, principalmente, pelo controle de proliferação de algas, assunto sobre o qual estão fazendo um trabalho escolar. Eles viram como é feita a coleta e a análise da água, conheceram os tanques-rede, onde são reproduzidos peixes em cativeiros, e o Laboratório Ambiental.

Jogos da Integração

Os Primeiros Jogos de Integração Binacional tiveram 1.204 inscrições, das quais 319 foram de paraguaios. O número de inscrições de mulheres ficou abaixo do esperado pelos organizadores: apenas 35. A preferência feminina foi pelo vôlei de quadra, que teve 15 inscritas. O maior número de inscrições dos jogos foi em futebol suíço (260), seguindo-se futsal (188), vôlei de quadra (85), truco (81) e pesca (80). Há ainda 33 inscritos em basquete, 21 em bocha, 46 em canastra, 30 em ciclismo, 36 em corrida rústica, 20 em dama, 35 em dominó, 32 em natação, 34 em peteca, 40 em sinuca, 42 em tênis de mesa, 35 em tênis de quadra, 42 em tiro, 47 em vôlei de areia e 17 em xadrez. Os jogos deste ano estão sendo organizados pela Assessoria de Comunicação Social da margem brasileira. As disputas terão lugar na usina, nos clubes Floresta e Ipe e na Associação dos Funcionários (Assemib). A abertura oficial será no dia 16, às 19h30, no Floresta Clube.

Pagamento de royalties

REPASSE: 10.09.98	JUROS 92	PARCELA JULHO/98	TOTAL EM US\$ MIL
ANEEL, MMA, MCT	300,0	1.032,4	1.332,4
PR e MS	1.149,7	4.008,1	5.157,8
Foz do Iguaçu	220,7	759,4	908,1
Sta. Terezinha Itaipu	45,8	157,6	203,5
S. Miguel Iguaçu	295,9	342,0	637,9
Itaipulândia	-	676,2	676,2
Medianeira	1,3	4,4	5,6
Missal	43,8	150,8	194,6
Santa Helena	288,4	992,4	1.280,8
Diamante do Oeste	6,1	21,1	27,3
S. José Palmeiras	2,1	7,3	9,4
M. Cândido Rondon	169,8	210,9	367,6
Mercedes	-	72,7	72,7
Pato Bragado	-	177,1	177,1
Entre Rios do Oeste	-	123,8	123,8
Terra Roxa	1,7	5,9	7,7
Guaíra	55,8	191,9	247,7
Mundo Novo (MS)	0,2	55,3	55,5
A MONTANTE			
Estados	203,8	649,1	852,9
Municípios	215,0	685,5	900,4
TOTAL	3.000,0	10.324,1	13.324,1

Mais uma parcela de US\$ 13,3 milhões foi repassada no dia 10 de setembro pela Itaipu Binacional ao Tesouro Nacional para o pagamento de royalties aos municípios atingidos pela formação do reservatório da hidrelétrica. Também recebem os royalties os Estados do Paraná e Mato Grosso do Sul e os órgãos federais que têm direito à compensação financeira pelo aproveitamento hidrelétrico do Rio Paraná. Desde 1991, quando iniciou o pagamento de royalties, Itaipu já repassou mais de US\$ 778 milhões, dos quais US\$ 527,9 milhões na gestão da atual diretoria-geral brasileira, que assumiu em outubro de 1995.

Meu amigo bicho

Onde está o George?



Para ajudar na busca (ou apenas como registro para a posteridade), George em duas poses: com o boné de corinthiano e lambendo os beijos depois de se banquetear.

É bem provável que essa seja a primeira vez que um pequeno e pacato vira-lata mobilize tantos moradores da Vila A. Mas não é de estranhar, já que o vira-lata é ninguém menos que George, que há mais de dois meses não dá sinal de vida. O cachorrinho pertence oficialmente à família do colega Takeo Furuti, ge-

rente financeiro em Foz do Iguaçu, mas, graças ao seu charme, George foi adotado por outras três famílias. Sem dúvida, ele é o cachorro mais conhecido da Vila A, principalmente pelo seu voraz apetite sexual. Furuti conta que não foram poucas as reclamações que recebeu de donos de cadelas de raça

por causa de George, que esbanjou as suas qualidades de don Juan. "Uma de suas últimas conquistas foi uma cadela cocker spaniel", recorda. Furuti afirma que, depois do oitavo dia do desaparecimento de George, decidiu procurá-lo no Canil Municipal. Lá, explicou para um funcionário:

- Eu estou procurando um cachorro.
- Não vai dizer que é o George? - perguntou o funcionário.

Segundo Ney Trevisan, funcionário do Canil Municipal, cerca de 50 pessoas já foram até lá procurar George. Muitos, é preciso que se diga, de olho na recompensa de R\$ 300 que está sendo oferecida para quem encontrar o animal. "A carrocinha já procurou George em todos os bairros da cidade. Acho que ele foi levado para o Paraguai", aposta Ney, que mantém no canil um retrato do cachorro.

É difícil dizer quem é o verdadeiro dono de George, que Furuti ganhou de um amigo há 10 anos. Depois que Furuti mudou de casa, o simpático vira-lata passou a ter uma vida dupla. Fazia as refeições na casa nova e dormia, a dez quadras dali, na antiga morada. Nessa época, passou a ser adotado pelos antigos vizinhos de Furuti, que não deixavam nem de dar banho em George.

Além de suas façanhas na arte do amor, George tem um currículo pouco invejável em matéria de acidentes: foi atropelado cinco vezes e sobreviveu.

Até o fechamento desta edição, George continuava desaparecido, para a tristeza de muitos moradores da Vila A.

Grande, mas dócil



Teka e Fernanda: com seus 70 quilos, um abraço da cachorra significa tomo certo.

Ela é enorme. Pesa cerca de 70 quilos e assusta à primeira vista. Mas só assusta. Apesar do tamanho, Teka, uma cadela da raça São Bernardo, é extremamente dócil e adora crianças. Clayton Zetola, da Superintendência de Serviços Gerais, comprou Teka para dar de presente aos filhos.

Apesar de ser um animal adaptado para viver na neve, Teka se acostumou bem ao clima quente de Foz do Iguaçu. "Ela não sofre no calor, mas no inverno, nas noites frias e de garoa, gosta de dormir a céu aberto", conta Clayton. A docilidade tem seu preço: Teka está precisando de cuidados especiais porque sofre do coração. Porém, a doença está sob controle e a cachorra não corre risco de vida.

Um dos problemas de Teka é o peso. Até brincando ela pode derrubar uma pessoa. A filha de Clayton, Fernanda, precisou da ajuda do irmão, que segurou a cachorra na corrente, para tirar a foto abraçada a Teka. A raça São Bernardo descende do mastim tibetano, que foi levado para os Alpes suíços há cerca de 2 mil anos pelos romanos. Por volta de 1.600 d.C., esses animais foram adotados pelos pastores do vale de São Bernardo, e depois treinados por monges da região para encontrar pessoas desaparecidas na neve. Segundo relatos publicados em livros, esses cães esquentavam as pessoas perdidas com seus corpos, com o hálito e com a aguardente que levavam num frasco amarrado ao pescoço. Cerca de mil pessoas foram salvas por cães São Bernardo.

A passo de jabuti

Os passeios noturnos que Alahyl Sério, do Comitê de Relações Trabalhistas, em Curitiba, fazia diariamente há alguns anos com os mascotes Painho e Mãinha costumavam chamar a atenção de quem passava. Nem tanto pelos animais - um casal de jabutis -, mas pelo ritmo da dona, que dava um passo a cada 15 minutos para acompanhar os dois.

Esse era apenas um detalhe da rotina do casal, trazido sorratoriamente da Bahia para Foz pelo ex-marido de Alahyl, há cerca de 20 anos. Com seu jeitinho pacato, Painho e Mãinha eram o xodó dos três filhos de Alahyl, que passavam os dias cuidando para que os cachorros da casa não infernisassem a vidinha dos jabutis, virando-os de pernas para cima sempre que podiam. A criança descobriu até um jeito de encontrar os jabutis quando sumiam: era só ligar o toca-discos e eles "corriam" para perto das caixas de som. "Como estávamos sempre ouvindo música, eles adoram um agito!", conta Alahyl.

Quando se transferiu para Curitiba, Alahyl ficou com pena de manter os bichinhos no apartamento e acabou convencendo o amigo Iran da Costa Ennes, que trabalha na Divisão de

Controle Econômico-Financeiro de Contratos, a levá-los para sua casa, em Santa Felicidade. Lá, o casal encontrou uma verdadeira família, formada pelo cocker spaniel Tobby, pelo gato Mimoso e pelos cachorrinhos Bidu e Rex. "Agora sou eu quem tenho que salvar Painho e Mãinha das malandragens dos cachorros", conta Iran, que adotou o casal há cerca de três anos. "Nessa família, eles podem ser considerados o 'painho' e a 'mãinha' da turma!", diz ele, satisfeito com a "filharada".



Iran e Alahyl com a turminha da pesada. No detalhe, Painho e Mãinha.

Do campo ao catálogo, um olho sobre a terra



As artistas plásticas Cheung Miu Kuen e Vera Gomes com Elvo Benito Damo: catálogo é mais uma etapa do "Olho da Terra".

Primero, foi a pesquisa de campo, que durou seis meses, em 1996. O resultado foi o cadastramento de 124 artistas plásticos nos 16 municípios que margeiam o Lago de Itaipu (incluindo Mundo Novo, no Mato Grosso do Sul).

Depois, ainda em 96, uma mostra reuniu os trabalhos de 69 artistas e artesãos, muitos dos quais expunham pela primeira vez. Agora, um catálogo com as obras expostas permitiu o registro histórico da exposição e das pesquisas. O catálogo foi lançado no final de agosto, no Ecomuseu de Itaipu.

Todo esse trabalho levou o nome de "Olho da Terra", constituindo-se num projeto pioneiro na região. Idealizado pela artista plástica Lúcia Misael, então presidente da Associação Cultural dos Artistas Plásticos do Iguaçu (Acapi), o projeto teve o apoio imediato do Ecomuseu de Itaipu. Além de Lúcia, participaram da pesquisa de campo a também artista plástica Cheung Miu Kuen e, pelo Ecomuseu, Marlene Osowski Curtis.

As pesquisadoras contam que enfrentaram sol forte, chuva e muito barro. Mas valeu a pena. "Nós nos sentimos como se estivéssemos fazendo o garimpo de artistas", conta Cheung Miu Kuen, que todos conhecem como Maria Cheung. Na pesquisa, encontraram artistas que, por opção de vida, moravam no meio da mata, onde tinham seu ateliê. "Houve casos em que a própria moradia era uma obra de arte", completa Marlene.

OFICINA DE ARTES

"Quando saímos, a gente não tinha idéia do que iria encontrar. Entre os artistas plásticos, há muitos principiantes, mas há também muitos já superesolvidos", diz Maria Cheung. Depois da exposição e dos vários contatos com as prefeituras, ficou decidido que Foz do Iguaçu, Marechal Cândido Rondon e Santa Helena passarão a manter oficinas onde os artistas possam desenvolver suas técnicas, conhecer novos materiais de trabalho e ter contato com outras tendências.

Dentro dessa idéia, o Ecomuseu abriu em agosto a primeira oficina, trazendo a Foz três artistas plásticos de renome nacional: os escultores Megumi Yuasa e Elvo Benito Damo e a pintora Dulce Osinsky. Cada um deles pôde mostrar seus trabalhos e dar dicas sobre materiais, técnicas e tendências da arte em geral.

"O olhar é o início da criação".
Megumi Yuasa

DO BRONZE À SUCATA

O paranaense Elvo Benito Damo, que hoje é orientador do Atelier Livre de Escultura da Fundação Cultural de Curitiba, trouxe peças feitas



Megumi Yuasa é considerado um dos melhores escultores brasileiros da atualidade.



Elvo Benito Damo: cabra e cavalinho feitos de madeira, lata e ferro.

As pequenas peças de Megumi despertam a atenção.



com material de consumo, numa reciclagem que virou arte. Ele está trabalhando principalmente com o alumínio de embalagens, numa "mudança total" para quem antes fazia obras em bronze, principalmente.

Segundo ele, não importa o material. "Para chegar lá, ao resultado que se pretende, o importante é a criação. Uma boa idéia pode morrer na má técnica", destaca. E diz que, no curso, passa aos alunos justamente a noção de que qualquer material é válido, desde que permita, com a melhor técnica, passar a idéia do artista. Elvo elogia o levantamento feito pelo projeto "Olho da Terra", afirmando que é "um dos raros do País" e feito com "extrema competência e profissionalismo".

UM DOS MELHORES

O paulistano Megumi Yuasa trouxe para Foz onze peças em cerâmica policromada. Ele é considerado o mais refinado ceramista do Brasil e um dos melhores escultores surgidos no País, nos últimos anos. Aos artistas, procura ensinar três aspectos: na primeira fase, a observar a realidade e colocar o que vêem no desenho e na modelagem. Para Megumi, "o olhar é o início da criação". Na segunda fase, entra o aspecto afetivo, quando a memória, as emoções, entram na execução do

trabalho. Por fim, faz com que o artista pense no seu trabalho a partir da escolha do local onde será instalado. Mas uma coisa é básica para o escultor, segundo ele: o desenho.



Lúcia Misael: o resgate da arte e dos artistas da terra.

Um diagnóstico para as "doenças" do Oeste

A Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste) começou a fazer o mais abrangente diagnóstico sócio-econômico da região Oeste do Estado, na área do triângulo que envolve os municípios de Cascavel, Foz do Iguaçu e Guaíra. O trabalho só está sendo realizado graças a um convênio assinado com a Itaipu Binacional, que tem interesse em conhecer e colaborar com o desenvolvimento da região, onde se concentra parte dos rios que abastecem o Lago de Itaipu.

A pesquisa não se limitará apenas à coleta de dados e ao diagnóstico, mas também à elaboração de um prognóstico, que poderá ser usado por todas as prefeituras da região, órgãos estaduais e federais. O diagnóstico ficará pronto até o primeiro semestre de 99; o prognóstico, até o ano 2.000.

DADOS À MÃO

O mais importante nesse convênio é o fato dele exigir que a Unioeste forme e mantenha um banco de dados sócio-econômicos e ambientais, que poderá ser usado por todos os acadêmicos e pela comunidade local. "O banco de dados garantirá a continuidade indefinida do trabalho", explica Elias Absy, gerente do Departamento de Planejamento Regional, da Diretoria de Coordenação. "Essa exigência é um dos aspectos que diferem esse diagnóstico dos outros trabalhos similares realizados



na região".

Ainda no próximo ano, deverá ser realizado um seminário para provocar um amplo debate sobre as perspectivas de crescimento da região. A proposta é agregar o conhecimento necessário para o desenvolvimento sustentável do Oeste paranaense.

Todo o trabalho terá à disposição o Laboratório de Geoprocessamento, criado na Unioeste com a ajuda da Itaipu. O laboratório, já em funcionamento, tem condições de analisar imagens feitas por satélites, que registram a forma como está se processando a ocupação territorial da região, desde o crescimento das cidades até a expansão da área agrícola.

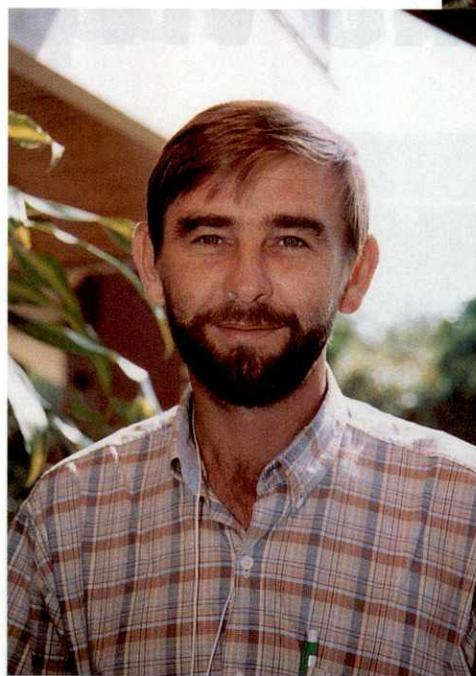
Onde está seu peixe?

No final do ano passado, a Divisão de Ecossistemas Aquáticos começou uma experiência para descobrir como se comportam os peixes criados em cativeiro quando soltos no Lago de Itaipu. Na época, empregados de Foz e de Curitiba colaboraram com a pesquisa, marcando os peixes, da espécie pacu, que seriam soltos. Para comemorar o sucesso dessa pesquisa, a Diretoria de Coordenação vai premiar os dois empregados cujos peixes foram recapturados em locais mais distantes da barragem de Itaipu, tanto a montante como a jusante da usina. No total, 277 empregados lotados em Foz e 50 de Curitiba "adotaram" 327 dos 949 pacus libertados. Os demais foram marcados pela Divisão de Ecossistemas Aquáticos e por visitantes. Até agora já foram recapturados 202 pacus, dos quais 57 foram marcados por empregados da IB e de outras empresas

prestadoras de serviço. Os peixes, quando soltos, tinham em média 900 gramas e mediam aproximadamente 30 centímetros. Todos receberam no dorso um tubinho de plástico, contendo uma mensagem com um número e instruções para o pescador comunicar Itaipu assim que capturasse o peixe.

Na frente

Até o fechamento desta edição, o pacu campeão de percurso, a montante, foi o peixe marcado por Meron Haliski, técnico da Divisão de Reservas, recapturado no Rio Paraná, a cerca de 300 quilômetros da usina, em Porto Camargo. A jusante, o peixe marcado pelo engenheiro Edison Sahd, do Departamento de Manutenção de Infra-estrutura, foi recapturado a 45 quilômetros abaixo da Ponte da Amizade. Em dezembro, o **Jornal de Itaipu** publicará um novo balanço de recapturas.



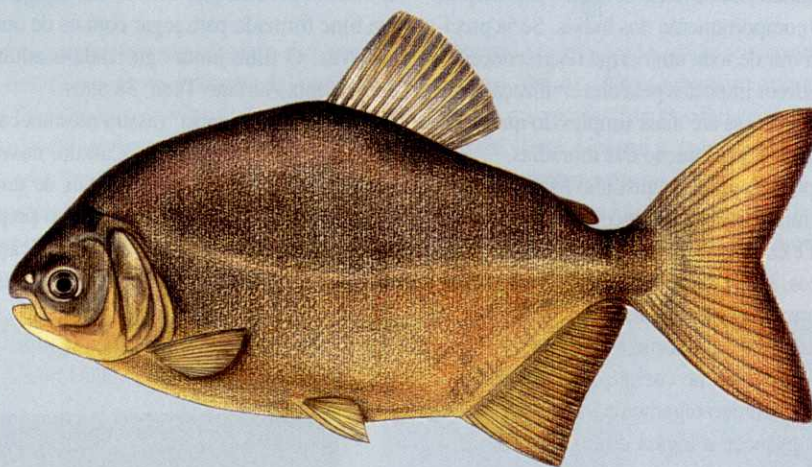
Meron Haliski e Edison Sahd: os peixes "deles" foram recapturados mais longe.

OS DONOS DOS PEIXES

NOME	MATRÍCULA	LOCAL DE RECAPTURA	DATA
Quinoez	180020/9	São Miguel do Iguaçu	31/17/97
Furtado	2187-9	Cristo Rei	14/10/94
Ari Quiroz		São José Itavó	16/03/98
Fernando Cansoni		Rio Paraná (Cataratas)	30/12/97
C. Benetta	2803-3	Alto Boa Vista	04/02/98
Luiz Borges	2476-5	Fazenda Paulista	03/03/98
Samuel		Três Lagoas	24/01/98
L. Paul	2955-2	Bela Vista	09/03/98
Gelsoa (Altevir)	1702-0	Três Lagoas	26/01/98
Pedro Rodrigues	000530-0	Rio Paraná (40Km da ponte)	16/03/98
Salinas	200147-2	São Vicente Chico	01/05/98
Cordoad	2891-2	Santa Terezinha de Itaipu	20/12/97
Edimar Poubel	0776-8	ICLI	11/12/97
Tereza	2663-0	Furnas	17/01/98
Tiago (Waldir)	161-1	Entre Rios	14/02/98
Edson	2828-0	Sub-Sede	09/04/98
Fernando	2621-2	Passo Cuê	12/02/98
Wilson Medias	2083-4	?	25/01/98
Edson	1057-6	Praia de Foz	28/12/98
Edison Sahd	1157	Rio Paraná (45Km da ponte)	09/04/98
Rodrigo Ctba)	2615-6	ICLI	14/01/98
S. Caltro	1346-2	Barra São Vicente	12/03/98
Sergio Samudio	0109	Pato Bregado	16/01/98
Fernando Carbonar	0304/0	São José do Itavó	09/12/97
E. Vasques	0023	Bela Vista	09/03/98
Jorge Kohn	2295-5	Santa Terezinha	01/03/98
Kazuo Higase	505-6	Três Lagoas	21/12/97
L.Savi (Ctba)	2407-1	Rio Itavó	09/04/98
Gaspar	3046-0	Esquina Gaúcha	20/02/98
Geci	2225-0	Porto Belo	16/12/98
Pereira	288-9	Três Lagoas	21/12/97
Eduvaldo	1270-5	Rio Itavó Jusante	17/02/98
Osvaldo		Passo Cuê	07/02/98
Vieira	2132-1	Ilha da Escolinha	16/05/98
M.Schumanch	30198-0	S. Vicent	27/03/98
A. Cilene	13 33-3	Porto Figueira	31/03/98
I. Tavares	23 43-1	Três Lagoas	23/03/98
Agostinho	1961-1	Rio Branco	10/01/98
Regina	1804-0	Rio Ocoí	30/01/98
Gilberto	68-7	Fazenda Rainha	02/03/98
Penna	1948	Rio Branco	14/02/98
Meron	2016-4	Porto Camargo	30/05/98
Analice	1962-5	Praia de Foz	02/01/98
Alípio	1652-0	Pinho Santa Tereza	20/02/98
Inês (Ctba)	2874-2	S. V. Grande	30/03/98
H. Teixeira (Ctba)	07736-2	Base Náutica Itaipulândia	04/03/98
C.Chyla Neto (Ctba)	02623	Bela Vista	25/01/98
Guilherme	587-9	Bananal	27/03/98
Leila	598-4	Reservatório	07/01/98
Julian Villagra	V0130	Rio Ocoí	12/01/98
Emerson	2818-6	Esquina Gaúcha	12/02/98
Jacks	110079-4	Rio Paraná (20Km da ponte)	07/01/98
Kaminski	2219	Entre Rios	17/02/98
Altevir	1702-0	Praia de Foz	17/02/98
M. Costa	3118-0	Porto Belo	28/01/98
R. Piccoli	2733-7	Três Lagoas	23/02/98
Donizete	2818-6	Bela Vista	25/01/98

Resultados das pesquisas

Os primeiros resultados da pesquisa com os pacus criados em cativeiro indicam que os exemplares se adaptaram às condições da vida em liberdade. Entretanto, estavam altamente vulneráveis à recaptura, principalmente durante os primeiros meses após serem soltos. Os 16 exemplares encontrados a jusante correspondem a 9% das recapturas e comprovaram a viabilidade dos peixes sobreviverem ao passar ou pelo vertedouro ou pelas unidades geradoras. O mais curioso é que a maior parte deles não estava machucada quando foi recapturada. Isso quer dizer que os peixes não encontram muitas dificuldades para "atrevessar" a usina.



O primo da piranha

O pacu é um peixe de formato ovalado, pertencente à família *Serralsalmidae*, a qual engloba cerca de 120 espécies, com ampla distribuição geográfica. A família é composta por dois grupos bem distintos: um representado pelas piranhas (*Serrasalmidae*), de hábito carnívoro e dentes triangulares e cortantes; e o outro dos pacus (*Myleinae*), que apresentam dentes semelhantes a molares e se alimentam principalmente de frutos e outros vegetais. A espécie de pacu mais comum no Rio Paraná é denominada cientificamente *Piaractus mesopotamicus*. Em média, cada exemplar pesa de 2 a 3 quilos, mas alguns chegam a 7 quilos ou mais.

Na natureza, quando se aproxima a época da reprodução (na região de Itaipu, isso ocorre entre os meses de outubro e fevereiro), o pacu migra rio acima em busca de locais adequados para o acasalamento. Sua carne é uma das mais saborosas entre os peixes de água doce. O pacu é, provavelmente, a espécie nativa mais importante da piscicultura nacional, tendo sido a primeira a ser cultivada em tanques-rede em Itaipu.

Vida de Como vivem os avá-guarani



O cacique, as duas esposas, os oito filhos. Na hora da foto, o cacique brinca: "sai, cachorro, você não é gente".

Algumas famílias moram em casas confortáveis, com luz elétrica e até televisão. Outras, em barracos cobertos por lona preta. Mas ninguém explica que critérios foram utilizados para decidir quem ficaria aonde.

Essa é uma das estranhas realidades da reserva avá-guarani Tekoha Añetete, criada em abril de 1996, em área adquirida por Itaipu, a 180 km de Foz do Iguaçu. Mas que não se procure no racionalismo do homem branco explicações para o comportamento dos índios. Seria preciso se livrar de toda uma carga de preconceitos e de padrões impostos pela dita civilização para entender coisas até mais simples do que o critério para a distribuição das moradias.

O próprio cacique, Augustinho Martins, de 36 anos, mora em um barraco com paredes de eternit e coberto por lona. Ou melhor, em dois barracos. É que Augustinho tem duas esposas. Ele dorme com as duas num dos barracos e os filhos mais velhos dormem no outro. A bigamia é privilégio de cacique? Poderia ser, já que ele é o único bigamo da tribo. Mas, novamente, esqueça a lógica do branco. "Se acha que pode (ter duas mulheres), pode", diz Augustinho, cujo nome índio é Tupañegaray (ou Brinquedo de Deus).

Joana e Margarida, as esposas, têm quatro filhos cada uma. Joana está grávida. Ambas são amigas e conversam o tempo todo. E não existe ciúme? Claro que sim: "elas têm ciúme das outras mulheres", explica Tupañegaray, rindo.

"IMPEACHMENT"

Augustinho está no comando da tribo há apenas dois meses. O cacique anterior passou por um processo semelhante ao "impeachment": o conselho da tribo destituiu-o do cargo porque ele bebia demais e não cumpria as obrigações de representar a tribo e de batalhar pela comunidade. Se fosse feito o mesmo no mundo dos brancos, o presidente russo Bóris Ieltsin esta-

ria afastado do cargo desde o primeiro porre. Os índios são desconfiados - com toda razão. E espertos - esperteza que a necessidade exige. Gostam de muita coisa dos brancos, mas preferem falar nas suas tradições. Os índios ouvem muita música sertaneja, por exemplo, e pagodes bem movimentados. Eles compram fitas no Paraguai, onde têm muitos parentes. Mas, enquanto há visitantes brancos, não se ouve nada.

O futebol é outra paixão. Na tribo, já existe um time formado para jogar com os de outras reservas. O time junta "gurizada e adulto", como conta Adriano Tuan, 38 anos.

Adriano é o "secretário" (assim mesmo, cargo de branco) da comunidade. Casado, nove filhos com uma única esposa ("mais de uma a gente não agüenta", brinca), Adriano prepara documentos, põe no papel as reivindicações da tribo à sociedade branca. Ao mesmo tempo, também cuida de algumas cabeças de gado. Recentemente, foi comprado um touro reprodutor para aumentar o rebanho, antes limi-

tado a meia dúzia de vacas. Em agosto, Adriano estava secretariando a tribo numa pendência com os brancos, que tinham prometido um trator. A máquina deveria ter chegado à aldeia em junho.

DEUS E DANÇA

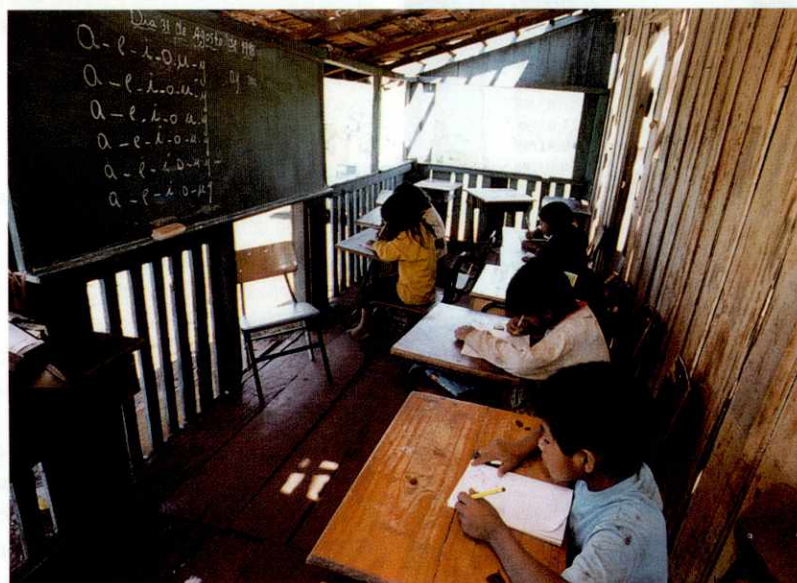
Missionários católicos sempre procuram a reserva. Mas o cacique nega esse contato, o que também faz o pajé. Ambos, no entanto, ao explicar as crenças dos índios, comparam com as dos brancos, que eles parecem conhecer bem. Como os cristãos, os avá-guaranis acreditam num único Deus. Entre baforadas do cachimbo que espanta doenças, o pajé Luís Carlos Coronel conta que os índios, em suas rezas, pedem que Deus "ilumine o caminho para cima".

Mas nem só de rezas se faz uma religião. Na dos avá-guaranis, não faltam música - aí, sim, música de índio - e dança. A festa religiosa é regada a chicha, bebida feita de milho, e os cantos são acompanhados por instrumentos típicos, como o taquí, mas também por um violão e uma rabeca. Antes, eles usavam outro instrumento de corda, mas o violão do branco, além de produzir um som que agrada aos ouvidos deles, já vem pronto. A rabeca, artesanal, acompanha o violão num som monocórdico.

ATÉ AMANHECER

No barracão de cultos (a opã), que já foi galpão de fazenda, os índios começam a chegar por volta das 19h do sábado. E só vão embora depois que o dia amanhece. Quem não agüenta, dorme por ali mesmo, embalado pela música. No salão, a dança lembra um pouco a capoeira. Como a música dos negros, é uma dança de guerreiros, com movimentos de ataque e auto-defesa.

As mulheres também dançam, mas numa roda em volta dos homens, a uma distância segura. A elas cabe fazer a marcação do compasso, com os instrumentos feitos de bambu. As crianças formam outra roda, imitando os passos e meneios dos adultos.



Na sala de aula: guarani e, mais tarde, português.

A rabeca e o velho violão são hoje fundamentais para as cerimônias de todo sábado.



O pajé Luís Carlos Coronel: fumaça tem o poder de cura.

A, e, i, o, u, y

Ler e escrever, para os pequenos avá-guaranis, começa cedo, com 6 ou 7 anos. Mas não em português. Durante os três primeiros anos de escola, as crianças deixam o analfabetismo de lado para dominar o guarani. Por isso, ao "a, e, i, o, u" se segue o "y", letra muito usada no guarani. Do quarto ano em diante, começam a aprender português.

O professor é da própria tribo: João Alves. Ele dá aulas de manhã e à tarde, para um total de 22 alunos. O número indica que tem muito indiozinho fora da sala de aula. É só fazer as contas: hoje moram na reserva 34 famílias e a única com "poucos" filhos é a do pajé: quatro. O cacique conta, mas não explica porquê, que o pajé faz um "controle de natalidade". Os demais não sabem e nem querem saber de métodos anticoncepcionais, por isso cada família tem entre oito e nove filhos.

Há até um certo orgulho em ter tantos filhos. Por isso mesmo, quando se pergunta sobre homossexualismo, o cacique se sente meio desconfortável. O assunto parece ser tabu. Ele diz que os índios geralmente expulsam da tribo os homossexuais. E garante: na reserva, "não tem nenhum".

e índio is reassentados por Itaipu



Em busca da terra prometida

João Carlos Bernardes, técnico em Biociências da Superintendência de Meio Ambiente, conhece cada índio da Reserva de Tekoha Añetete pelo nome e é recebido com carinho na aldeia. Tem até um "nome índio": "João Cateto". Não é por acaso. A convivência dele com os avá-guaranis vem desde 1994, quando começou a negociar com os índios da Reserva do Ocoí, que exigiam de Itaipu uma nova área. No ano

seguinte, para apressar uma decisão de Itaipu, os índios chegaram a invadir o Refúgio Biológico Bela Vista.

Bernardes, junto com João Carlos Zehmpfennig ("João Peru", para os índios), Gilberto Valente Canali e o antropólogo Rubens de Almeida, foram encarregados de descobrir no Oeste do Paraná uma área que cumprisse três exigências básicas: tivesse mata nativa, um rio e uma área boa para plantar. A tarefa não foi fácil, já que hoje o Oeste está praticamente tomado por culturas agrícolas e criação de gado.

Por avião e por terra, a equipe percorreu centenas e centenas de quilômetros. Na divisa dos municípios de Diamante do Oeste e Ramilândia foi localizada uma extensão de 720 alqueires que atendia às exigências dos índios e que, segundo o antropólogo, oferecia as condições para o assentamento.

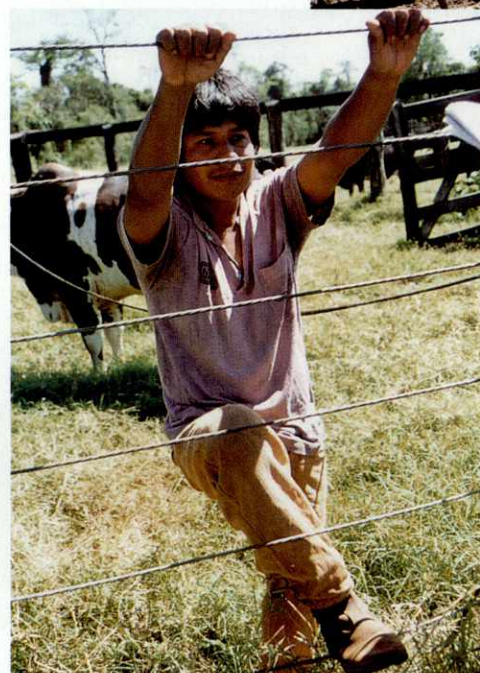
Os índios aprovaram. Foi preciso, então, negociar com os donos da área, formada por quatro propriedades onde era criado gado nelore, principalmente. Foi uma negociação difícil, mas concluída com sucesso. Em março do ano passado, Itaipu formalizou a compra e repassou a área aos índios.

Na época, havia 75 famílias na Reserva do Ocoí. Dessas, 32 foram para o assentamento. No Ocoí, o número de famílias se multiplicou em um ano, com a vinda de índios de outras áreas do Paraná e do Paraguai. Já o assentamento ganhou só mais duas famílias, resultado de dois casamentos na própria tribo.



Dois vistas da reserva: à esquerda, uma das "casas" do cacique; a 8 km dali, está o curral.

O filho do cacique "enfrenta" um galinho de briga: bicadas não assustam.



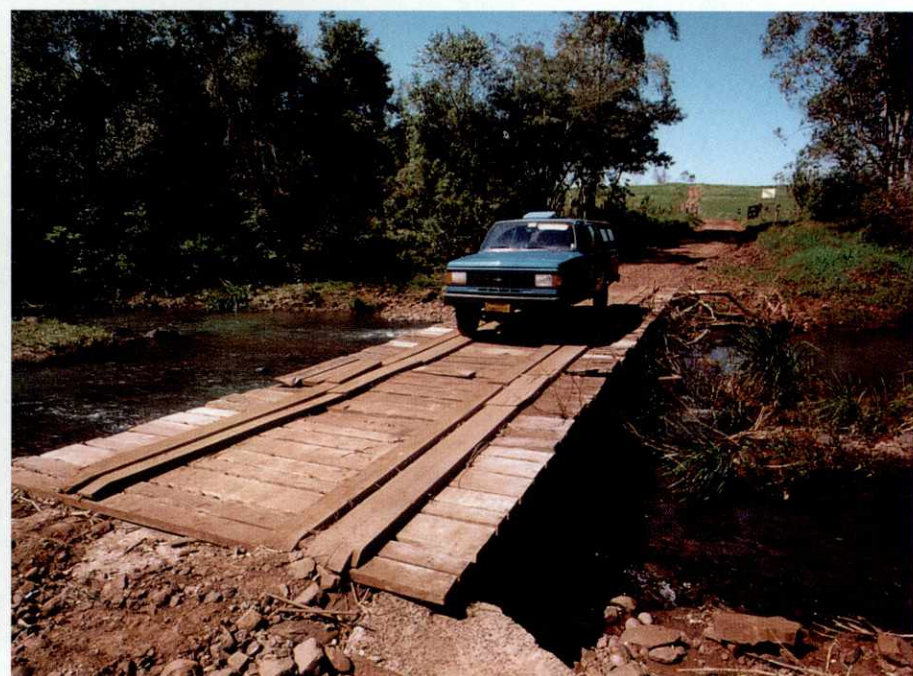
Adriano Tuan, secretário da tribo e criador de gado.

Quem são os avá-guaranis

Os avá-guaranis são um subgrupo dos guaranis, um dos maiores povos indígenas da América Latina, disseminados pelo Brasil, Paraguai, Uruguai e Argentina. Os avá-guaranis são agricultores e têm uma forte relação com a terra que ocupam, denominada "Tekoha". Esta palavra significa o lugar onde o modo de ser guarani se realiza. O guarani foi um dos primeiros povos nativos

encontrados pelos colonizadores europeus, a partir de 1.500. Os índios ocupavam extensas florestas, nas regiões dos rios Paraguai, Miranda, Paraná, Tietê, Uruguai e Jacuí. Existiam ainda alguns assentamentos no Litoral.

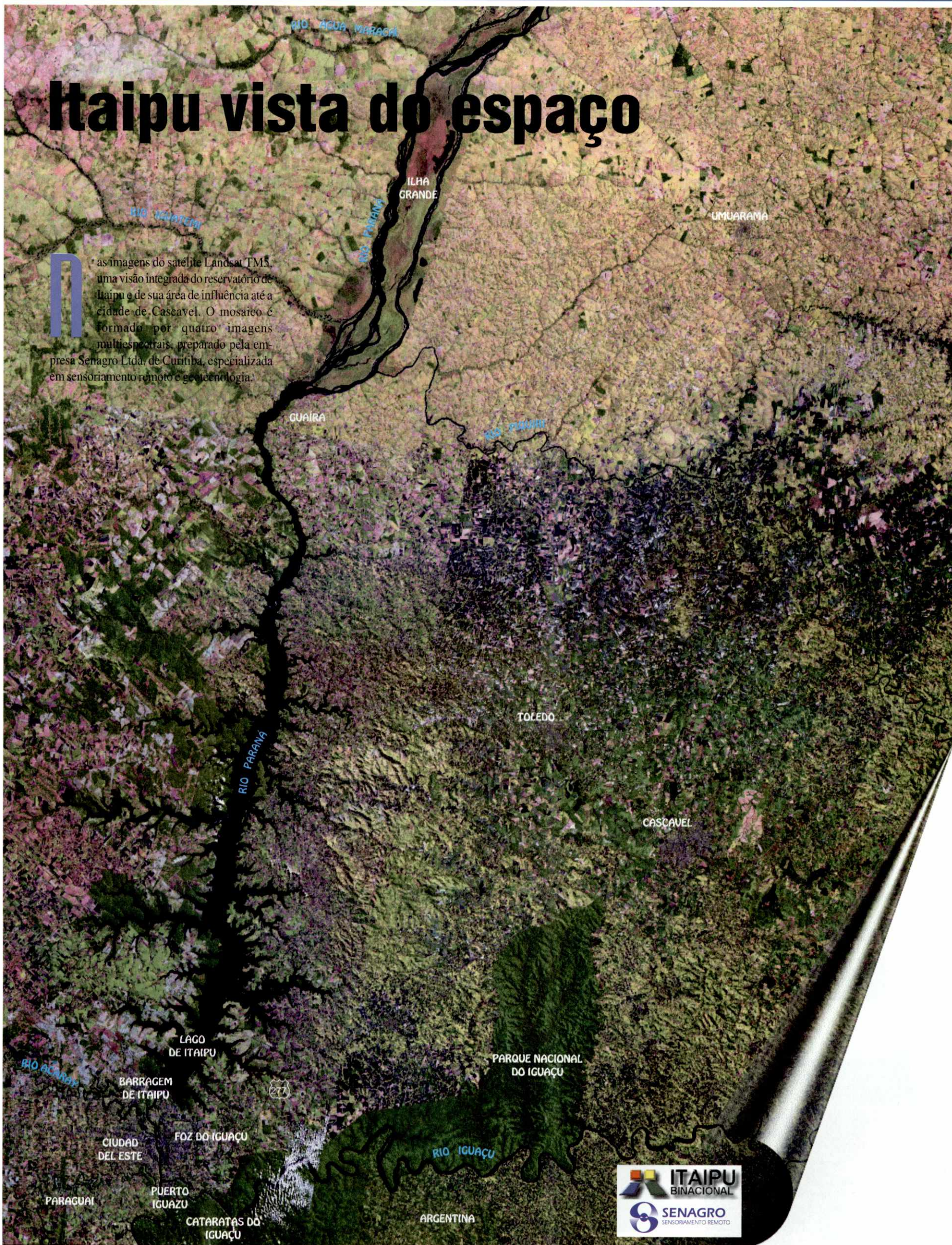
Hoje, este povo se resume a cerca de 10 mil pessoas, incluindo os guaranis que moram no Paraguai.



A ponte é a divisa: do lado de lá estão os 720 alqueires de terra que pertencem aos avá-guaranis.

Itaipu vista do espaço

Nas imagens do satélite Landsat TM5, uma visão integrada do reservatório de Itaipu e de sua área de influência até a cidade de Cascavel. O mosaico é formado por quatro imagens multiespectrais, preparado pela empresa Senagro Ltda. de Curitiba, especializada em sensoriamento remoto e geotecnologia.



Pipas, pandorgas e raias no céu de Foz



A pipa dança ao vento, antes de subir até as nuvens, e a menininha segue o ritmo.

A pipa não ajuda muito, mas, quem sabe, com jeitinho ela vai...

O fascínio de voar ou de fazer voar: quase todos sentem o inexplicável.

Dezenas de famílias se uniram numa atividade singela e gostosa, na manhã do último domingo de agosto: soltar pipas. O tempo ajudou, com sol e vento forte, e a promoção "Brincando com o vento - minha pipa está no ar" foi um sucesso, com cerca de 500 inscrições e mais de 800 pessoas reunidas no Gramadão do Centro Executivo. Houve o sorteio de brindes oferecidos pela Associação dos Funcionários de Itaipu (Assemib), pelo Floresta Clube e pela Marpel Papelaria. O prêmio principal, uma bicicleta de 18 marchas, foi oferecido por Itaipu. E quem ganhou foi Rogério da Silva Cardoso, 13 anos, morador no Jardim Curitibano. Veio gente de quase todos os bairros de Foz, inclusive uma caravana do Porto Meira. Entre os participantes estavam o empregado Nelson Stelmasuk e sua família, de Curitiba. Sua mulher, Maria Aparecida, foi a vencedora do concurso de melhor cartaz para a promoção do Programa Reviver, en-

quanto a pipa feita pelo filho Victor foi a mais bonita do escritório de Curitiba.

Pipa ou pandorga?

Empinar pipas é uma atividade praticada no mundo inteiro. Os artefatos variam de tamanho, modelo e cores, mas quase sempre são feitos de papel e madeira muito leve. O que muda é o nome. E não só por causa da língua diferente, mas mesmo em países que falam o mesmo idioma. Ou, ainda, dentro do próprio país, como no Brasil, onde há pelo menos um nome que pode ser considerado "nacional": papagaio.

Curiosamente, o nome da promoção mostra a influência paulista e carioca na região de Foz. Na capital paulista e no Rio de Janeiro é que se usa o nome pipa. No Paraná, os nomes mudam de acordo com a localidade: do Norte do Estado até Curitiba, é raia. No Sul do Paraná, pandorga, mesmo nome usado para o papagaio por gaúchos e catarinenses. No Norte do Brasil, é currica, cangula

ou pepeta. No Nordeste, é arraia, morcego, lebreque, bebeu, coruja e tapioca. Em Minas Gerais e no interior de São Paulo, diz-se maranhão. Em Niterói, é cafifa. Ainda no interior de São Paulo, o papagaio também é chamado de quadrado. Os nossos "hermanos", uma outra curiosidade, também conhecem o papagaio por pandorga. Na Argentina, é barrilete. E em Portugal? Lá se empina papagaio, como aqui.



Para animar a festa, música, muita música, a cargo da Banda Municipal, da Fundação Cultural de Foz.



Ainda no solo, uma pipa cujas marcas comprovam uma vida de aventuras.



Por todo o gramadão, famílias inteiras. No céu, de tão alto, as pipas quase sumiam.



Com uma bela "asa delta" sob o braço, mas de olho nas concorrentes lá do alto.



O ganhador da bicicleta foi Rogério da Silva Cardoso, do Jardim Curitibano.

...pero que las hay, las hay!

Superstição quase todo mundo tem. Difícil é admitir. Principalmente porque as crenças religiosas às vezes se confundem com a superstição. E vice-versa. Estabelecer os limites do que é religiosidade e do que não passa de uma “falsa idéia a respeito do sobrenatural”, como define o dicionário Michaelis, é tarefa para os teólogos.

Para o **Jornal de Itaipu**, a meta é menos complicada: mostrar que cada um de nós, bem lá no fundo, tem no mínimo uma ponta de superstição. Se a meta é simples, veja então como foi ouvir o pessoal de Itaipu sobre este tema.

Bastava perguntar “você é supersticioso?” para que todo mundo risse amarelo, se afastasse como o diabo foge da cruz. “Eu não tenho superstição”, era a primeira reação. Argumentávamos: “Como assim? Todo mundo tem!”. E o gelo ia-se quebrando. Para essa reportagem, percorremos alguns pontos da usina: o Laboratório de Concreto, o serviço de copa das galerias, a Divisão de Transportes e, ainda, pegamos a “saída” do pessoal do Edifício da Produção.



Yacy-yateré

Numa das salas do Laboratório de Concreto, estão um paraguaio e um brasileiro: Jorge Edgar Ramon Jimenez Casco e José de Souza Porto. Ramon é convicto: não tem superstições. Ele não acredita nem no Yacy-yateré, uma crença paraguaia. Yacy-yateré é um menino loiro, de longos cabelos, que costuma assobiar no mato, na hora da siesta. A criança que imita o assobio é levada pelo estranho menino. O pai de Ramon, conta ele, crê que foi Yacy-yateré quem levou seu cachorro. O cão sumiu na hora da siesta e voltou só 22 dias depois, “com muita fome”. (Terá sido esse o destino de George?). Uma curiosidade: a lenda do Yacy-yateré lembra, inclusive no nome, a do nosso Saci-pererê, o moleque endiabrado que apronta com os viajantes.



Junto com os anjos

Acreditar em anjos é superstição ou fé? Artemis Lamar Speciale, do Laboratório de Concreto, tem anjinhos de porcelana na mesa e uma crença absoluta na existência desses seres. Ela garante que percebe a presença dos anjos em sua casa, como “algo flutuante, que quando surge vem acompanhado de um aroma de incenso fantástico”. Tudo começou quando o filho Tales, hoje com 10 anos e na época com apenas quatro meses, esteve à beira da morte. Artemis pediu a ajuda dos anjos e foi ouvida. Ela diz que, quem frequenta sua casa, sente algo especial, uma sensação de paz. Até um tio dela, ateu convicto, foi obrigado a reconhecer isso. A vantagem desse contato com o sobrenatural: “Nada me derruba. Tenho uma grande força interior, a depressão não me pega”. Quando algo não está muito bem, “acendo um palitinho de incenso e falo com os anjinhos”.



A força do pensamento

Ainda no Laboratório de Concreto, José Maria Moreno Franco não se assusta com gato preto, passa tranquilamente debaixo de escadas e não vê nada de diferente no número 13. A teoria dele é que tudo “está na cabeça de cada um”. E explica: “Se ao falar a pessoa emite ondas sonoras, ao pensar emite ondas de pensamento”. Aí está o perigo: “Alguém que tem muito medo de assaltos passa por uma rua e cruza com um assaltante. Nesse momento, seus pensamentos entram em sintonia. Assim, ele cria condições para acontecer aquilo que ele mais teme. É a força do pensamento”.



Rosário bento

José de Souza Porto se diz religioso, mas nada supersticioso. Reconhece, no entanto, que em seu carro não pode faltar um rosário benzido por um padre. Quando troca de carro, a primeira coisa que faz é levar o rosário para um padre benzer. É devoto de São Cristóvão, o santo que a própria Igreja Católica cassou porque há dúvidas se teria existido. Apesar disso, a igreja tolera que o santo seja considerado padroeiro dos motoristas.



Sonho de copeiro

Os copeiros que atendem a galeria não têm superstições. Antonio Alecrin, Hélio Henrique e Ivo da Costa não acreditam em nada que fuja do âmbito da religião. Bom, Hélio Henrique crê em sonhos. Uma vez, sonhou que o leite que estava na geladeira da copa estava estragado. No dia seguinte, comentou com Ivo o sonho. Foram ver: o leite estava mesmo estragado. Em outra ocasião, sonhou que ia levar a mesma geladeira para o concerto e que o serviço custaria R\$ 250. Quando chegou na usina, anotou os números da geladeira e de um balcão, para jogar no bicho. Jogou na centena, deu só a dezena do número da geladeira. “Estava perto”, diz.





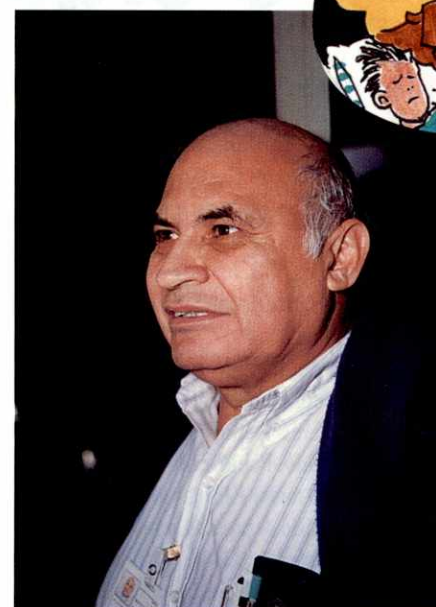
Azar, não: destino

Aridelson Maier diz que não tem religião, embora acredite em Deus, e que "superstição é bobagem". O azar ele descarta: "O que vai acontecer, acontece". Isto é, o que manda é o destino. Mas ressalva: "Muitas pessoas facilitam para que aconteça algo ruim". O exemplo: ao abusar da velocidade.



Só vendo

O motorista Leonildo Rech, devoto de São Cristóvão, também deveria ser devoto de São Tomé. Ele diz que "cada um tem um modo de pensar, mas para mim é assim: só acredito vendo". Leonildo diz que os pais contavam que viam "noiva de branco, bola de fogo, mas eu nunca vi nada". Precavido, completa: "E Deus queira que não me apareça nenhuma coisa diferente".



Sonho ruim

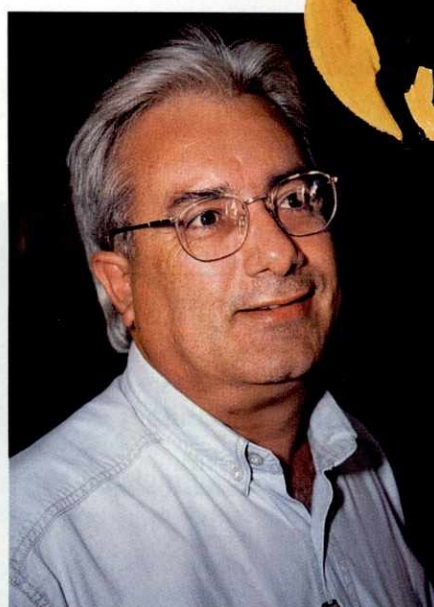
O paraguaio Pascual Irala não crê em bruxarias e assemelhados, mas tem uma estranha convicção: quando sonha com policial, alguma coisa ruim acontece no seu serviço. Ele já tem "experiência" nisso. Quando tem o sonho, espera a bronca: "alguma besteira eu fiz no serviço".

Gato preto

Enfim, um supersticioso assumido.

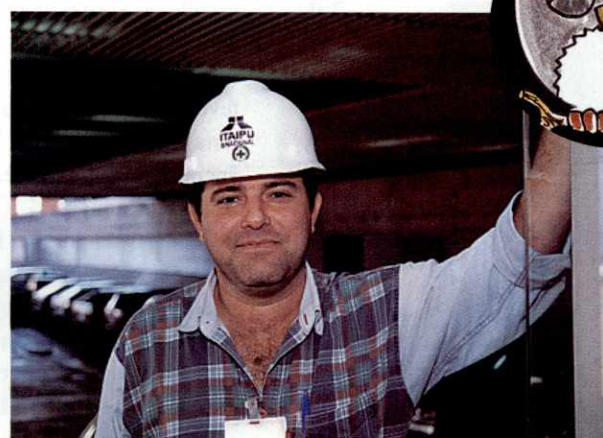
Wilson Antonio de Souza, da Superintendência de Manutenção, confessa ter "pavor de gatos" e, principalmente, de gatos pretos. O medo é porque, quando criança, na sua casa havia muitos gatos e, para separar brigas, levava muitos arranhões. Ficou o trauma, que se juntou à superstição do gato preto.

Azar dele, sorte dos gatos. Diz Wilson que, quando dirige, toma um cuidado extremo para desviar e não atropelar nenhum bichano.



Mau agouro

Cético convicto, Ronaldo de Matos Neves ri das superstições alheias. E conta que, por causa de uma crendice, ficou sem a presença de um amigo, quando se casou. É que a mulher deste amigo ouviu o canto de uma coruja, quase na virada do dia, e não deixou que o marido fosse ao casamento, considerando que era um aviso do além.



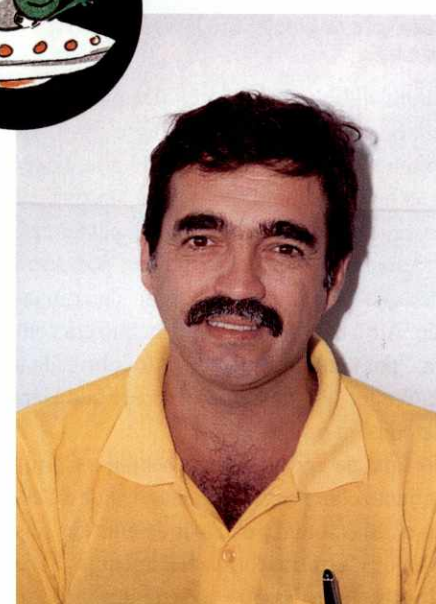
Medo de vivo

Oldenon Mendes de Oliveira, o Palmito, gosta de contar histórias de colegas que passaram sustos. Uma delas se passou na cota 60, com João e José, que faziam a leitura dos instrumentos. João disse para José esperar, enquanto descia para a leitura. E, brincando, avisou: "Fique aqui, mas cuidado com o Capa Preta". José resolveu ir atrás. Quando voltava, João viu alguém vindo em sua direção. Era José, mas por um momento ele pensou que era o Capa Preta. Quis assustar, pagou o mico. Outra historinha: Jerônimo e Roberto estavam no túnel viário, quando acabou a luz. Com medo de que fechassem a porta e tivessem que ficar muito tempo no escuro, saíram desesperados, tropeçando e se debatendo. O medo fez com que esquecessem das lanternas que levavam. Muito bem, isso prova que as superstições são irracionais. O Palmito vai além. Para ele, "quem está morto não incomoda ninguém. Minha superstição é com quem está vivo". E com sexta 13, mau olhado, etc, etc? Ele acaba se traindo: "Nunca tive problema com o número 13. É meu número da sorte".



Disco voador

O motorista José Jamil de Melo acredita piamente em discos voadores. Que nunca viu, mas conhece por reportagens na televisão. Ele acha que os extraterrestres visitam a terra e, no seu entender, vêm para fazer o bem. "De mal, já chega o tanto que temos por aqui", diz.



GENTE DE ITAIPU

Eliane, economista e orquidófila

Quando não está na Itaipu envolvida com números, a economista Eliane Cordeiro Uhlmann, chefe do Departamento de Gestão de Recursos, em Curitiba, pode ser encontrada em um recanto no quintal de sua casa, no bairro Boa Vista. Ali, há cerca de um ano, ela mantém um orquidário, onde cultiva quase uma centena de plantas.

“Esta é uma herança de meu sogro, que era orquidófilo”, conta, dizendo que ela o ajudava a cuidar das flores. Depois que o sogro morreu, Eliane e o marido, Paulo, com o auxílio dos filhos Rafael (20 anos) e Eduardo (18), construíram um orquidário às pressas, para onde as plantas foram transferidas. Hoje, a filha Paula, de 17 anos, ajuda a mãe a cuidar das orquídeas. Eliane diz que o carinho é fundamental para o

crescimento saudável das orquídeas. Mas não basta: é preciso ter cuidado com a temperatura do interior do orquidário (a oscilação não pode ser maior que oito graus entre o dia e a noite) e estudar a fisiologia das plantas. Ela explica que as orquídeas podem ser reproduzidas através do meristema (pedaço de tecido da raiz a partir do qual as mudas são feitas), obtendo-se plantas idênticas à original, embora também seja possível utilizar sementes.

Como todo o trabalho com meristemas é feito com microscópio, o próximo passo de Eliane é montar um pequeno laboratório para expandir o número de clones das suas plantas, muitas delas já premiadas. “É muito bom cultivar orquídeas, pois, apesar de parecerem frágeis, elas respondem rapidamente aos nossos carinhos e cuidados”, diz ela.



Eliane com suas orquídeas e mudas obtidas a partir de meristemas.



Sophroleliocattleya, a flor mais rara da orquidófila.

Um modelo de menina



Márcia, em pose especial para o JI: “superagradecida” aos colegas.

Altura, 1,72m. Peso, 54 kg. De quadril, 92 cm; de cintura, 64 cm. Com essas medidas de modelo, aliadas a um rostinho de boneca, a boa menina Márcia Alves Martins, 17 anos, só poderia sonhar com as passarelas. Um sonho difícil de concretizar, por certo, mas que Márcia persegue com determinação. Até a mãe dela, que a princípio era contra, “por causa dos perigos”, foi obrigada a se “render” e a também torcer para que Márcia consiga o sucesso.

No final de agosto, Márcia viajou a Curitiba, junto com mais 29 meninas de Foz e Cascavel. Elas foram participar de uma das seis seleções eliminatórias da agência Ford Models. Entre as 500 participantes, foram

escolhidas apenas duas, que disputarão com as candidatas de outras regiões do País o título de “Supermodel of Brazil”. Márcia não teve a sorte (seria quase como acertar na loteria) de ir para a final. Mas ganhou experiência e, principalmente, viu que pode contar com os amigos.

Os colegas da área de Recursos Humanos, onde ela trabalha, fizeram uma “vaquinha” para pagar o custo da viagem a Curitiba. E são os primeiros a incentivar Márcia a procurar as agências de modelo ou de publicidade e a fazer cursos. “Eu sou superagradecida a eles”, diz a garota, que fica em Itaipu até 8 de dezembro. Numa pequena mensagem que enviou ao JI, Márcia escreve: “Agradeço de todo o coração a todo o pessoal de Recursos Humanos, desde a chefia, que me incentivou e me deu apoio em todos os momentos que precisei, e em especial ao Programa Piit, sem o qual eu não teria chegado onde estou e nem teria conhecido pessoas tão maravilhosas, que me dão força e me impulsionam para a frente”.

AS MEDIDAS

Embora seja alta, para os padrões “normais”, Márcia é apenas mediana, para o padrão das modelos. E, por incrível que pareça, embora seja magrinha, os especialistas da agência de modelos lhe disseram que precisa perder pelo menos uns dois quilinhos. Ela come pouco, mas reconhece: “eu amo doce”. Um “amor” que ela compensa fazendo caminhadas e exercícios em casa.

Além da beleza, o que Márcia tem de sobra é simpatia. E muito charme.

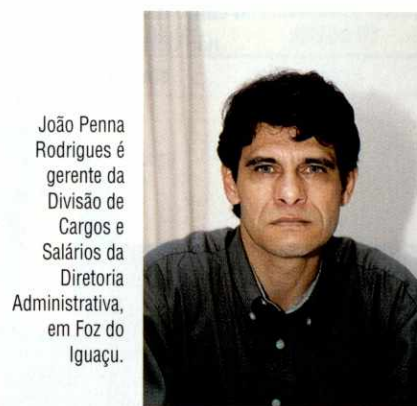
DESIGNAÇÕES



Vera Lúcia Graniska é gerente da Divisão de Controle da Dotação Orçamentária, em Curitiba.



Gilson Costa Abrantes é gerente do Departamento de Gestão Orçamentária e Estudos Econômico-Financeiros, em Curitiba.



João Penna Rodrigues é gerente da Divisão de Cargos e Salários da Diretoria Administrativa, em Foz do Iguaçu.



João Alberto Correia da Silva é gerente da Divisão de Análise Contábil, em Curitiba.



Fernando Biss é gerente da Divisão de Segurança da Central Hidrelétrica.



João Carlos Azevedo Braga é superintendente de Obras e Desenvolvimento e gerente da Divisão de Sistema Viário (Diretoria de Coordenação), em Foz do Iguaçu.

ADIVINHE QUEM É...



... o compenetrado estudante que, do alto dos seus 6 anos, tinha o mundo nas mãos? A foto não mostra, mas o garotinho está de pé e cansado de esperar pelo fotógrafo. A expressão de anjinho esconde sua revolta: para um capetinha como ele era, ficar tanto tempo parado significava um castigo.



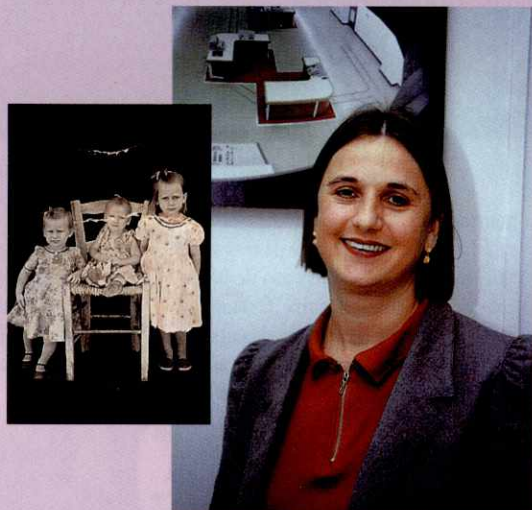
Foto de escola todo mundo tem. E nossa colega não é exceção. Aos 8 anos, ela faz pose séria, de boa aluna, em frente ao mapa da América do Sul. E continua sendo uma moça séria, mas muito simpática. A única dica: ela estudava no Rio de Janeiro.



Ao lado do pai, da mãe e da irmã, a loirinha prestigiava a primeira comunhão do irmão mais velho. Hoje, a caçulinha é a mais alta de casa, só perdendo para o pai. Aliás, a família mora em Guaíba, mas ela trabalha em Curitiba. Quem será?

Aqui você confere os "adivinhos" da edição passada:

A loirinha na cadeira, ladeada pelas irmãs, é Lorena Fucks, secretária da Assessoria de Comunicação Social, em Foz. Ninguém acredita que ela era briguenta e brabinha quando pequena. Todos concordam que é um doce de pessoa.



Ela não seguiu a carreira de modelo, apesar do zelo da mamãe, mas já virou "top model", ou melhor, "top secretary" da Diretoria Técnica, em Curitiba. Sônia Moura Lewek é secretária na área há nove anos. E, de quatro anos pra cá, três diretores já tiveram a sorte de ser assessorados por ela!

ANIVERSARIANTES DE SETEMBRO

Dia 1º - Kazuo Higashi. Dia 2 - Vilmar Sérgio Zempulski, Geci Margarida Rauber, Regina Cabezon Campelli e Ademir Stoco. Dia 3 - Dilton Rogério Goulart. Dia 4 - Francisco H. P. Cavalcanti, Dirce Thereza Bubiak, Vera Lúcia Graniska, Marcos Antônio Schwab, Caio Francisco Coronel, Sérgio de Paiva Whately, Osvaldo Nunes Filho, Maurício Pires Guerreiro, André Jerônimo de Matos e José Octaviano Guedes Senise. Dia 5 - Rejane Cunico, Élio João Ventura, Sílvia Patrocínio de Souza, Eliane Teófilo e Geci Rodrigues. Dia 6 - José Augusto de C. Azevedo, Emílio Ruiz Gomes, Angela da Silva Nascimento, Jeferson Alderete Onishi, Jacira Cardoso de Souza, Claudio Urbano V. de Mattos e Cezar Franco Ramos. Dia 7 - Sérgio Tomio Moriya, Rubens Ghilardi, Carlos F. F. de Oliveira, Neida Salete Zanatta de Lima, Gisele Peres F. de Souza, Josenir Farina, Claudete Celina Coelho e João Maria de Sousa Pereira. Dia 8 - Pio Clézio Araújo, André Behar Ribeiro e Marcos Antônio B. Ribeiro. Dia 9 - Geovani Marques Victória, Maria Enemércia B. dos Santos, Sebastião Plácido dos Santos e Cícero Antônio Miller Santos. Dia 10 - Maria Betânia S. de Moraes, Ana Maria G. Paes de Andrade, Paulo Henrique Teixeira e Edson Stelle Teixeira. Dia 11 - Jamir Lemes Santana, Paulo Telles e Fernando Prugner. Dia 12 - David Mora de Rezes, Eduardo Pereira Pardini, Luiz Eduardo da Pieve Soares, Jose Paulo Nunes e Armando Apel. Dia 13 - José Carlos Teodoro da Silva e Armando Fassbinder. Dia 14 - Carlos Mendes Taborda, Alceu Gaspar Pinto, Paulo Cesar de Carvalho, Cintia Fernandes Marques, Jorge Antonio Ricci, Artur Altenburger e Brasilino Rodrigues da Silva. Dia 15 - Nagib Chaim Haddad, Sandra Maria S. de Araújo, Heloisa Covolan, Lineu Antonio Jacomassi, Marcos Antônio Baumgartner, Adão Carlos Crizel, Gerson Luiz Braschi, Geroci Peixoto e Carlos Alberto H. Furtado. Dia 16 - Saulo de Tércio Oliveira e Lúcia Maria Fernandes Pinto. Dia 17 - Fladimir Marques Figueiredo, Sônia Moura Lewek, Márcio Pereira de Almeida e Thiophilo Cordeiro Neto. Dia 18 - Celso Ribeiro B. de Novais, Paula Janete da S. N. Henrique, Edson Machado Bueno, Homero Barros de Andrade, Algemi de Souza, Josclito Trindade Couto e Milton Katsuo Mineta. Dia 19 - Eduardo da Silva Soares, Norma Sueli Rosa de Paula, Maunlio Lemos Avellar Filho e Marco Aurélio V. de Escobar. Dia 20 - José Tizzo, Silvana A. Aro Rodrigues, Carlos Alberto Limons, Raul Chardulo e Antônio Sérgio de Mattia. Dia 21 - Renato Ferro Costa, Moacyr Ribeiro Silva Júnior, João Carlos Lacerda, Manoel Martins Araújo Filho e Marcolino Alves. Dia 22 - Paulo Teixeira Ferreira, Rui Leite Rocha, Luís Eduardo Fencon Chagas, Evaldo Stocker e Carlos Felipe V. F. Moreira. Dia 23 - Humberto Ventura Godinho, Maria Auxiliadora Alves dos Santos e Emerson Shigeyuki Suemitsu. Dia 24 - Jorge Antunes V. Braz, Wilmar Camilo de Oliveira, José Davi e Roberto Censi Faria. Dia 25 - Pedro Henrique Vivarelli, Antonio de Godoy, Victor Hugo Borgmann, Maria Helena Maia R. Paranhos, João Batista Rodrigues, Maria Nanci Humberto Moreno, Paulo David Campos Soares e Wolfgang Paul Urlass. Dia 26 - Neir Silveira dos Santos, Andreas Arion Schwarz, Heloiselena Ulatoski, Zoltir Chiapetti, Soraide dos Santos Nogueira, Idgar Dias de Souza Júnior e Ivo Antônio dos Santos. Dia 27 - José G. Rodrigues Filho, Francisco de A. Amaral Borges, Enon Laércio Nunes, Cláudio Ernesto P. Ramos e Dóris F. A. Montrucchio. Dia 28 - Jacildo Lara Martins, Paulo Roberto Bianchi, Martins Afonso A. dos Santos, Rosana Claudete Baron, Antônio Luiz de Lima, Alcindo Antônio Machado, Antônio Neves da Costa e Antônio Jesus Rogério. Dia 29 - Paulo Elenciuc, Carlos Davi Manarelli, José Aparecido Bitencourt, Orli Fernando Meurer, Ivo Roberto da Silva e Vítor de Pádua Ferreira. Dia 30 - Antônio Carlos F. Santos Jr., Leila Henriques de Nunes, Luiz Meira Rocha, Tomas Weisz, Elisabeth C. Sbardelini, Nilson Pinheiro, Celso Louro S. da Fonseca e Aída dos Santos A. Villamayon. Dia 31 - Fernando José H. Mello Filho e Edney Wagner Zapelini.

Um personagem em busca de um nome



sonagem ainda não tem nome. É este bichinho simpático que, numa linguagem acessível, explicará para as crianças o que é a energia elétrica e como pode ser obtida. Ele também vai mostrar como é Itaipu "por dentro" e vai contar a história da maior hidrelétrica do mundo.

O concurso para a escolha do nome deste personagem está aberto. Para participar, envie sua sugestão por escrito para a Divisão de Imprensa, em Foz do Iguaçu, em nome de Maria Auxiliadora Alves dos Santos, pelo malote ou pelo fax 5248 ou 5048; em Curitiba, para a Comunicação Social, pelo fax 4142, em nome de Heloisa Covolan.

Você pode mandar mais de uma sugestão. O vencedor ganhará um prêmio-surpresa e terá seu nome divulgado na próxima edição do **J.I.** Mas atenção para o prazo final: 30 de setembro.

O desenhista Marco Jacobsen criou, a pedido da Comunicação Social, um personagem que irá ser utilizado na home page de Itaipu e em futuras publicações para as crianças. O per-

CAUSOS DE ITAIPU

Prêmios e gargalhadas

No dia 26 de agosto, o **Jornal de Itaipu Eletrônico** completou um ano de existência. E festejou a data em grande estilo: premiando os três melhores causos contados por leitores. O grande vencedor foi "O espião", de Evanildo Monteiro, publicado na edição passada do **JL**. Em segundo lugar, ficou "Dr. Nicão",

de Iracel de Moura Aguiar; e, em terceiro, "A carrocinha", de Sérgio Luís Mariano Oliveira. Nada menos que 40 causos foram enviados à redação. Um número surpreendente, que prova três coisas: a primeira, que Itaipu é de fato um mar de histórias; a segunda, que há bons contadores de causos "escondidos" em cada escritório ou local de trabalho; e a última, que nosso

peçoal tem um senso de humor invejável.

Todos os causos enviados para o concurso serão publicados no **JL**. Nesta edição, você lerá os que ficaram em segundo e terceiro lugares. A autora de "Dr. Nicão", Iracel de Moura P. Aguiar, trabalha há 22 anos em Itaipu ("sem falar um dia", como faz questão de dizer). Hoje, é secretária do Departamento de Administração

de Pessoal.

Já o autor de "A carrocinha", Sérgio Luís Mariano Oliveira, é da Segurança Empresarial, onde atua há 18 anos. E já está ficando mal acostumado com prêmios: há pouco tempo, venceu o concurso para escolha da logomarca da Associação dos Funcionários de Itaipu (Assemib). Agora, leia os causos e divirta-se.

"Dr. Nicão"



Iracel de Moura Aguiar.

to de recrutamento, exatamente no prédio onde hoje funciona o Ecomuseu.

Eu trabalhava na Divisão de Medicina do Trabalho da Unicon. Minha sala ficava em uma das alas do amplo edifício. Por uma janela, da minha sala podia-se acompanhar o movimento de pessoas que vinham de todas as regiões para se candidatar a um emprego (para "serem fichados", como se dizia). Certa vez, eu datilografava um documento quando minha atenção foi despertada por um homem de aparência bem humilde. Meio perdido naquela multidão de trabalhadores, ele me viu à janela e veio para o meu lado.

- Moça, onde fica a sala do dr. Nicão?

Não entendi a pergunta. Ele repetiu:

- Eu estou procurando a sala do dr. Nicão, me disseram que ele tem um emprego pra mim.

Desta vez, ficou claro. Levei-o à sala dos recrutadores, na outra ala do prédio. Expliquei aos rapazes que o moço queria um emprego na Unicon (que ele pensava ser uma pessoa, não uma empresa). Um dos recrutadores dirigiu-se então ao candidato:

- O sr. tem profissão?

- Tenho não, moço, quarquê serviço tá bão...

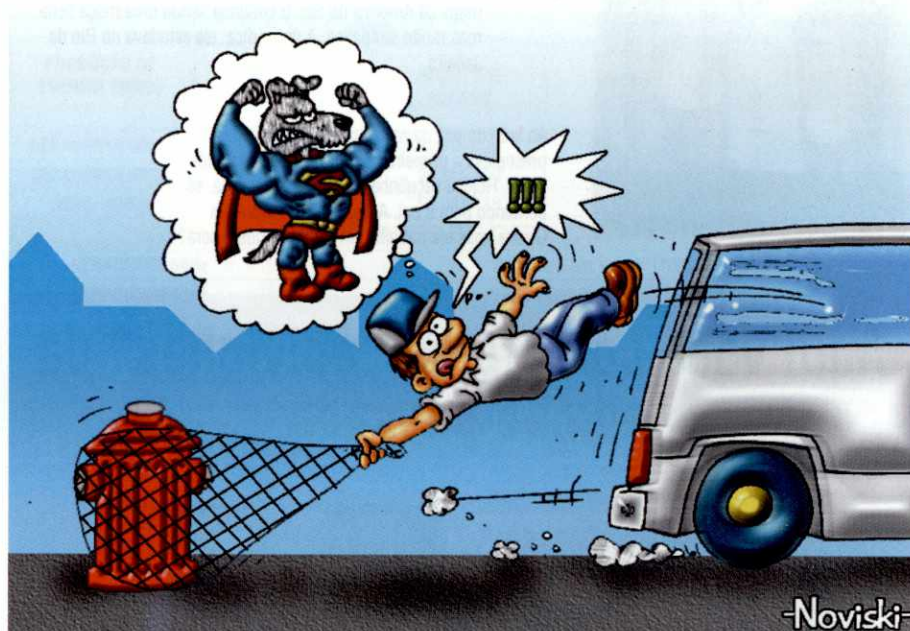
- No momento, só temos duas vagas para médicos.

De ajudante, não há vaga, por enquanto.

E o rapaz, aproveitando a deixa:

- Me dá uma dessas mesmo, moço, e eu vô quebrando o gaio até safar a minha vaga de ajudante.

A carrocinha



Em meados de 1983, a Segurança Empresarial mantinha um serviço de resgate de animais nas vilas residenciais de Itaipu. Era a chamada carrocinha. Os animais eram apanhados com redes especiais e, em seguida, encaminhados a locais de isolamento, onde ficavam até que seus donos os procurassem.

Como os empregados que trabalhavam na captura de animais eram quase sempre os mesmos, os bichinhos já os identificavam de longe. Quando viam os homens com as redes, ao invés de fugir, muitos corriam para o interior do camburão. Espertos, os cães sabiam que iriam dar um passeio pelas ruas das vilas, na companhia de colegas, e que ao final ganhariam comida, água e carinho. A carrocinha não mais assustava, como no começo, mas sim atraía.

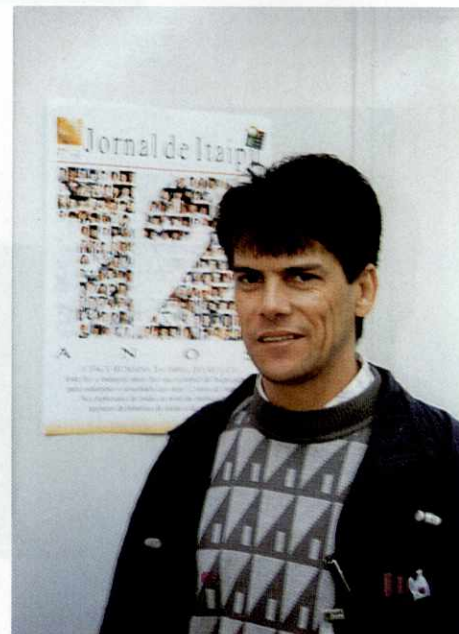
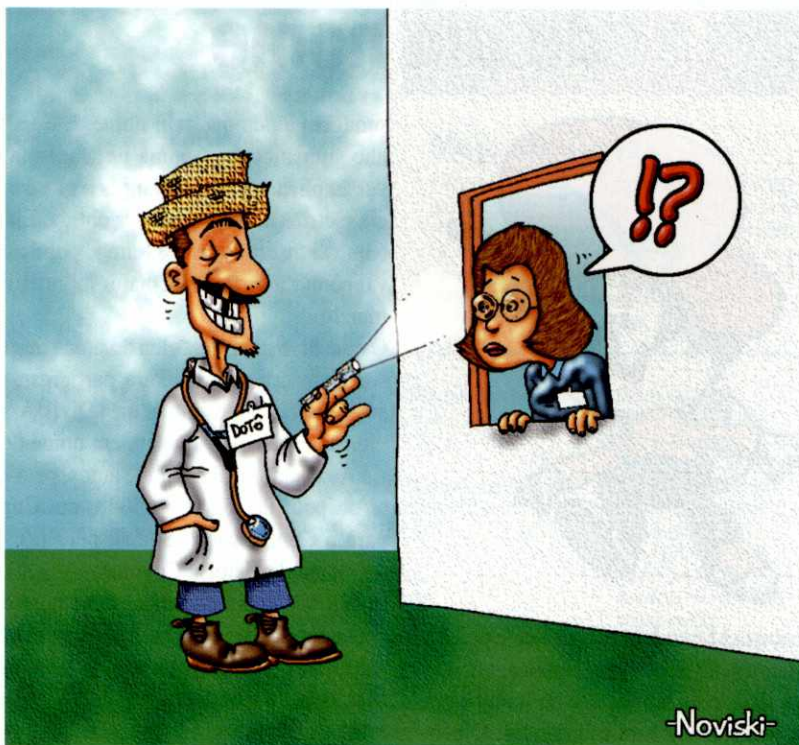
Certo dia, sob um calor infernal, a captura de cães estava sendo um fracasso. Foi nessa hora que um dos homens com rede avistou um cachorrinho, correndo em direção à então Avenida 15, na Vila A. Animou-se e, aos gritos para o motorista acelerar, esticou pela janela do camburão a rede, amarrada ao braço. Em frente ao Hospital de Itaipu, já com o carro em velocidade alta, o caçador soltou a rede na direção de sua presa.

O tranco foi tão forte que o caçador de cães foi arancado do carro e arremessado ao asfalto quente. Olhando para o céu, pensou: "Meu Deus, o bicho parecia pequeno, visto de longe. Mas era bem mais

forte do que eu imaginava".

Enquanto pensava, começou a chover forte sobre ele. Mas só sobre ele. Olhou para o lado e viu o cachorrinho, que bebia avidamente a água que jorrava sem parar de um hidrante arrebentado.

Foi só então que se deu conta: ele havia laçado o hidrante.



Sérgio Luís Mariano Oliveira.